

VENEZUELANOS EM RORAIMA: CARACTERÍSTICAS E PERFIS DA MIGRAÇÃO VENEZUELANA PARA O BRASIL

Gustavo da Frota Simões

INTRODUÇÃO

A situação política na Venezuela vem sofrendo desgastes mais visíveis desde dezembro de 2015 com a derrota do Governo Maduro nas eleições parlamentares. No entanto, a crise venezuelana vem de antes disso e pode ser dividida, *grosso modo*, em três faces: uma econômica, uma política e uma social (Vaz, 2017). O presente artigo busca discutir uma das consequências dessa crise: a emigração de venezuelanos, especialmente para o extremo norte do nosso país. Desse modo, pretende-se discutir quem são esses venezuelanos, qual seu perfil sociodemográfico e analisar de forma breve os motivos e as características dessa migração para traçar algumas considerações em um momento em que muito se tem discutido futuras políticas públicas para essa população.

A partir de 2015, o fluxo dos venezuelanos para outros países aumentou significativamente. Colômbia, Trinidad e Tobago e diversos países do continente americano, incluindo o Brasil, viram seus registros de venezuelanos aumentar a partir desse ano (Miami Herald, 2016).

Localizada no extremo norte do país, Roraima vem percebendo um aumento dos deslocamentos de venezuelanos nos últimos anos, cada vez mais visíveis nas ruas das cidades de Pacaraima¹ e Boa Vista. O número de solicitantes de refúgio venezuelanos passou de 280² em 2015, para 2.233 em 2016 e até junho de 2017, 6.438 venezuelanos pediram refúgio na capital roraimense.

1 Cidade de aproximadamente 8.000 habitantes localizada na fronteira com a Venezuela.

2 Dados fornecidos pela Assessoria de Comunicação da Superintendência da Polícia Federal em Roraima.

Para todo o Brasil, esses números são respectivamente de 829, 3.368 e 7.600 para os anos de 2015, 2016 e 1º semestre de 2017. Percebe-se com isso, que a grande maioria dos venezuelanos recém-chegados solicitaram seu pedido de refúgio em Roraima, especialmente em 2016 e 2017.

A partir daí, pode-se concluir que boa parte dos venezuelanos que pedem refúgio vem por uma migração terrestre oriunda da fronteira Santa Elena de Uairén-Pacaraima. A esse respeito, o saldo líquido dos números de entrada e saída dos venezuelanos no Brasil aproxima-se dos números de pedidos de refúgio. Em 2016, entraram pelo ponto de migração terrestre na fronteira 56.800 venezuelanos e retornaram 47.108, o que permite uma aproximação em torno de 9.700 venezuelanos que ficaram em território brasileiro³. Em 2017, entraram por Pacaraima 24.379 (até 10.07.2017) e retornaram 13.868, o que contabiliza, em termos líquidos, 10.511 venezuelanos, número mais próximo aos 7.600 pedidos de refúgio contabilizados no primeiro semestre de 2017. Além disso, esses números mostram que a migração venezuelana é muito pendular, ou seja, muitos entram e muitos saem, o que reforça algumas questões.

O presente artigo tem como objetivo compreender o perfil da migração venezuelana para Roraima e, com isso, apontar alguns direcionamentos em termos de políticas públicas para esse perfil. Para isso, está estruturado da seguinte forma: Em primeiro lugar, destaca-se a situação interna na Venezuela e procura-se compreender com isso os fatores de expulsão desse grupo migratório.

Em segundo lugar, apresentam-se dados da pesquisa sobre o perfil sociodemográfico e laboral dos venezuelanos realizada sob a ótica do Conselho Nacional de Migração (CNIg) com o apoio do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e executado pelo Observatório das Migrações (ObMigra) da Universidade de Brasília (UnB) e pela Cátedra Sérgio Vieira de Mello da Universidade Federal de Roraima (CSVM/UFRR).

Por último, serão apontadas algumas considerações finais da pesquisa e do fluxo migratório venezuelano indicando possíveis políticas públicas que possam absorver melhor essas pessoas que chegam a Roraima.

3 Esses números são aproximações, visto que não é possível determinar com exatidão o número dos venezuelanos que ficaram em Roraima, foram para outros Estados e estão irregulares ou optaram por outras formas de regularização migratória.

1. CRISE NA VENEZUELA: QUESTÕES ECONÔMICAS, POLÍTICAS E SOCIAIS

A crise na Venezuela se agrava, sobretudo, a partir das eleições da oposição em 2015. Com isso, tem ápice o que Lander (2014, p.1) chama de “crise do modelo petrolero rentista”. De fato, a crise na Venezuela embora possa ter raízes econômicas profundas apresenta ainda facetas políticas de desgaste do modelo implementado desde Hugo Chávez, além de contar com elementos sociais bem fortes, especialmente com a escassez de alimentos e medicamentos (Maya, 2014, p. 72). É objetivo desta seção fazer uma recapitulação dos principais acontecimentos dialogando com as facetas econômicas, políticas e sociais da crise que gerou a uma migração de venezuelanos nos últimos anos.

Conforme mencionado, a Coalisão da Unidade Democrática opositora ao regime chavista ganha 2/3 da maioria nas eleições parlamentares, encerrando 16 anos de controle do Partido Socialista em 6 de dezembro de 2015. Com essa vitória, o regime chavista perdeu maioria no Parlamento o que começou a gerar uma crise institucional grave que persiste até os dias atuais.

A posse dos Deputados foi contestada perante órgãos judiciais, o que gerou os primeiros embates entre Parlamento e Justiça. A coalisão da oposição chamada de Mesa da Unidade Democrática (MUD) acusou o chavismo de praticar um “golpe judicial” ao impedir a posse de 22 deputados eleitos (Deutsche Welle, 2017). Essas disputas institucionais são levadas até os dias atuais com a posse da Assembleia Constituinte.

Em março de 2016, O supremo tribunal venezuelano aprova uma lei para limitar os poderes da Assembleia Nacional, retirando-lhe a supervisão das autoridades judiciais, eleitorais e civis. Os meses seguintes são de disputas judiciais e tentativa por parte da oposição de convocar um referendo com objetivo de cassar o mandato do Presidente Nicolás Maduro. Ao mesmo tempo, discute-se a possibilidade de uma Assembleia Constituinte.

Em 2017, as disputas institucionais chegam a um novo patamar com o poder legislativo sendo transferido para o controle do Supremo Tribunal. A oposição chama a medida de golpe. Em maio de 2017, Maduro anuncia que assinou um decreto para convocar uma Assembleia Nacional Constituinte para mudar a Constituição de 1999, legislação de reforma e redefinir seus poderes executivos, afastando com isso o Poder Legislativo ordinário de maioria opositora. Em julho de 2017, as eleições para a Assembleia Constituinte tomam lugar, apesar de críticas ao modelo e à forma como foram realizadas.

Ao mesmo tempo, a situação econômica na Venezuela se deteriora nos últimos dois anos. Em janeiro de 2016, o Presidente Maduro declara um estado de “emergência econômica” por meio do Decreto 2.184 de 14 de janeiro de 2016. Nesse decreto, a situação econômica da Venezuela é atribuída à “falta de ingresso do setor petrolífero” e que “setores nacionais e internacionais estão fazendo o que podem para derrubar a economia da Venezuela” (Presidência da República, 2016).

De fato, o decreto atribui uma série de medidas extremas e de ordem “excepcional para salvar a economia Venezuelana” (Presidência da República, 2016). Criticado por grupos de oposição e por setores pró livre-mercado, o decreto aumentou os poderes de Maduro na esfera econômica, chegando a poder atribuir funções sobre determinados produtos como a farinha que seria utilizada exclusivamente para fazer pão. O decreto permite, entre outras coisas, liberar licitação e outras formas de controle dos gastos governamentais. Aliado a isso, a economia da Venezuela foi considerada uma das maiores inflações no mundo em 2015. O cenário era pouco propício a investimentos.

O decreto 2.184 aumentou ainda o preço da gasolina pela primeira vez em muitos anos, além de permitir uma desvalorização cambial com o objetivo de retomar as exportações e diminuir as importações. A verdade é que apenas o decreto não permitiu o resgate da economia Venezuelana, que sofreu com medidas pouco populares e extremas nos meses seguintes.

Entre as medidas extremas, pode-se destacar a diminuição da jornada de trabalho para apenas dois dias, tornando “ponto facultativo” ou final de semana os outros dias, além de uma diminuição da carga horária. Em 2016, o FMI calculou uma inflação de 254% e estimativas de 720% para 2017 (IMF, 2017).

Em Janeiro de 2017, Nicolás Maduro decretou um novo estado de exceção e emergência econômica na Venezuela, o segundo desde janeiro de 2016, que vigorará por 60 dias prorrogáveis, o que possibilita mais controle sobre o mercado e dificulta o ingresso de investimentos estrangeiros.

O ponto mais crítico da situação venezuelana, sem dúvidas, é a questão social. Se a crise econômica e política vigoram como as principais causas da migração venezuelana (Ver próxima seção), é pelas consequências sociais que as pessoas estão saindo.

A ONG Human Rights em seu relatório de 2017, assim declara a situação da Venezuela no tocante aos direitos humanos:

Under the leadership of President Hugo Chávez and now President Nicolás Maduro, the accumulation of power in the executive branch and erosion of human rights guarantees have enabled the government to intimidate, persecute, and even criminally prosecute its critics. (HRW, 2017)

De fato, a situação dos Direitos Humanos na Venezuela é preocupante não apenas pela perseguição, intimidação e condenação criminal dos opositores, a Venezuela vive hoje uma grave e generalizada violação de Direitos Humanos (Simões, 2017), especialmente se olharmos para os Direitos Sociais, Econômicos e Culturais.

O que o Human Right Watch chama de “Crise Humanitária” é a grave e generalizada violação de Direitos Humanos na Venezuela. Falta de medicamentos básicos que dificultam o acesso a serviços básicos de saúde e tratamento de doenças crônicas como pressão alta e diabetes. Falta de alimentos, o que gerou na população Venezuelana uma “desnutrição severa”. A Unicef revelou em relatório publicado que 3,4% das crianças venezuelanas sofriam de desnutrição em 2013, o último ano refletido nas estatísticas que o Governo do presidente Nicolás Maduro ofereceu ao organismo internacional. Esse número cresceu segundo dados da FAO divulgados em 2017 (UNICEF, 2014).

A pobreza extrema atingia na época de Chávez, 5% da população, mas o Instituto Nacional de Estatísticas admitiu que aumentou para 9,3% em 2015 (INE, 2016). De fato, os índices sociais e econômicos venezuelanos vêm caindo nos últimos anos, especialmente após 2013.

Cabe destacar que toda essa crise política, econômica e social gerou o que a HRW chama de “crise humanitária” com milhões de pessoas saindo da Venezuela. A “diáspora venezuelana” não pode ser dimensionada ainda, já que os dados divergem, mas autores estimam em 2 milhões (Paez, 2015) o número de venezuelanos que haviam emigrado até 2015. Para o Brasil, esse número é bem menor e mais recente, tendo em vista que muitos começaram a chegar apenas em 2016. A seguir, discutiremos mais sobre a migração de venezuelanos para o Brasil, especialmente para Roraima.

2. O PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E LABORAL DA MIGRAÇÃO VENEZUELANA PARA O BRASIL

O fluxo migratório venezuelano gerou uma preocupação por parte dos órgãos governamentais e não-governamentais, além dos organismos internacionais

que lidam com a questão do refúgio e da migração, como ACNUR e OIM. Por esse motivo, o CNIg encomendou uma pesquisa com objetivo de conhecer melhor a população venezuelana que chegava ao Brasil, nasceu então a pesquisa intitulada “Perfil sociodemográfico e laboral da migração venezuelana para o Brasil”.

O principal objetivo da pesquisa foi gerar dados quantitativos e qualitativos que pudessem subsidiar a formulação e implementação de políticas migratórias específicas, em conformidade com as necessidades da imigração venezuelana no Brasil.

Em virtude dessa demanda, optou-se por realizar uma pesquisa quantitativa com migrantes venezuelanos não-indígenas residentes em Boa Vista e uma qualitativa com indígenas venezuelanos residentes em Boa Vista em Pacaraima.

O público-alvo da parte quantitativa foi de imigrantes venezuelanos, não indígenas, maiores de 18 anos e residentes em Boa Vista. O desenho amostral foi baseado em amostragem probabilística estratificada para estimar proporções (Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, 2017). Tendo sido construídos estratos por sexo e grupos de idade. Grau de confiança de 95%, margem de erro de 2,5% e variância de 11%. Resultando num tamanho de amostra de 650 entrevistas planejadas e 664 executadas. Esse desenho de amostra foi realizado pelo Observatório das Migrações (ObMigra).

Em primeiro lugar, a pesquisa analisou as características sociodemográficas dos imigrantes entrevistados. As variáveis foram sexo, idade, estado civil, escolaridade, estado de origem na Venezuela e ano de chegada ao Brasil. A migração venezuelana é majoritariamente jovem (72% do total entre 20 e 39 anos), masculina e de solteiros (53,8% do total dos entrevistados). Com relação à chegada no Brasil, 66,9% chegaram em 2017, sendo que apenas 6,5% chegaram antes de 2016, o que permite dizer que esse é um fluxo recente e sem precedentes.

Cabe destacar, que a migração de venezuelanos em Roraima segue o padrão de migrações internacionais para o Brasil, ou seja, majoritariamente masculina e em idade laboral (Cavalcanti e outros, 2016). Por esse motivo, a principal preocupação do governo brasileiro seria a de criação de empregos e documentação para essas pessoas.

Ainda com as características sociodemográficas, os migrantes venezuelanos em Roraima têm como origem cinco estados venezuelanos (Bolívar, Monagas, Anzoátegui, Carobo e Distrito Federal) (Ver tabela 1) e possuem alta escolaridade (Tabela 2):

Tabela 1. Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo estado de origem, Boa Vista, 2017.

Provincia de origem	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Anzoátegui	13,1	14,7	10,4
Bolívar	26,3	25,7	27,4
Carabobo	7,4	5,4	10,8
Distrito Federal – Caracas	15,4	15,2	15,8
Monagas	16,3	17,4	14,5
Outros	19,9	20,6	18,7
Ignorados	1,5	1,0	2,5

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Tabela 2. Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo escolaridade, Boa Vista, 2017.

Escolaridade	Total	H	M
Total	100,0	100,0	100,0
Analfabeto	0,9	0,5	1,7
Ensino fundamental incompleto	2,3	2,9	1,2
Ensino fundamental completo	4,8	5,9	2,9
Ensino médio incompleto	14,0	15,0	12,4
Ensino médio completo	30,5	30,9	29,9
Ensino superior incompleto	15,6	15,2	16,2
Ensino superior completo	28,4	26,7	31,1
Pós-graduado (Esp/mestr/dout)	3,5	2,9	4,6

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Os venezuelanos em Roraima apresentam pouco conhecimento do Português e muitos não estudam o idioma. Além disso, uma parcela significativa dos entrevistados destacou ter sofrido preconceito praticado por cidadão comum cujo principal motivo foi o fato de ser estrangeiro (Cátedra Sérgio Vieira de Mello, 2017).

As crises econômica e política no país vizinho foram apontadas como principais causas para o deslocamento (76,4% do total) e muitos possuem uma rede migratória composta em sua maioria por amigos (58% do total). Os migrantes chegaram em sua maioria de ônibus e levaram uma média de 1 a 2 dias para chegar em Pacaraima, no lado brasileiro da fronteira.

Como já era esperado, a maioria (82,4% do total) são solicitantes de refúgio e boa parte já possui algum documento brasileiro. Fato é que a opção pela via do refúgio tem sua explicação nas táticas migratórias (Certeau, 1984) dos venezuelanos, especialmente por ser o pedido de refúgio gratuito e permitir ao solicitante uma permanência regular e com acesso à documentação, especialmente a carteira de trabalho. Para alguns, esse é o motivo de optarem pela via do refúgio, embora o instituto traga algumas desvantagens como dificuldade para sair do país, por exemplo.

Em Roraima, soma-se a essa desvantagem da proibição de saída do território nacional, a questão do agendamento. Por não ser capaz de atender todos os pedidos no tempo em que são feitos, a Superintendência da PF em Roraima criou a figura do agendamento, problema esse que já foi maior antes do reforço policial em abril de 2017 e da atuação de voluntários que orientam os migrantes no preenchimento dos formulários.⁴

De fato, podemos perceber por esses dados, que a migração venezuelana é majoritariamente terrestre, que boa parte dos que aqui permanecem solicitam refúgio e que há um aumento considerável dessa presença em Roraima a partir de 2016 com viés de crescimento em 2017. Além disso, percebe-se um grande número de migrantes pendulares, seja pela proximidade com a fronteira, seja pela necessidade de retornar para levar alimentos, medicamentos e visitar parentes.

Com relação à moradia, percentual significativo mora em residência alugada, divide com um número de 2 a 4 pessoas e paga até 300 reais mensais. Com relação ao emprego, há um percentual significativo de desempregados (35,4% do total) e de indivíduos que estão trabalhando por conta própria (31,7%). Quase a totalidade dos empregados recebem até dois salários mínimos, sendo insignificante o número daqueles que recebem mais de dois sa-

4 Esses voluntários são em sua grande maioria alunos da Universidade Federal de Roraima com a ajuda do Centro Migrações e Direitos Humanos (CMDH) coordenado pela Irmã Telma Lage e pela Pastoral Universitária.

lários mínimos por mês, ou seja, acima de 1.874 reais nos valores do salário mínimo de setembro de 2017.

Uma boa parcela dos migrantes já utiliza serviços públicos no Brasil, com destaque para a área da saúde, seguida da educação e da assistência social. Importante destacar que quase a metade do total (48,4%) não utilizou nenhum serviço público.

Por último, cabe destacar que 77% do total dos entrevistados aceitariam se deslocar caso houvesse ajuda do governo brasileiro (Tabela 3).

Tabela 3. Distribuição relativa dos imigrantes venezuelanos, por sexo, segundo aceitação de deslocar-se caso haja o apoio do governo brasileiro, Boa Vista, 2017.

Aceitação	Total	Homens	Mulheres
Total	100,0	100,0	100,0
Sim	77,0	80,6	71,0
Não	14,9	12,0	19,9
Não sabe	6,8	6,4	7,5
Ignorados	1,2	1,0	1,7

Fonte: Cátedra Sérgio Vieira de Mello/UFRR, Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Migração Venezuelana no Brasil, 2017.

Esse percentual é maior para homens (80,6%) e menor entre as mulheres (71%). A principal razão para aceitar o deslocamento é a possibilidade de emprego (79,6% do total) seguida de ajuda econômica (11,2%) e ajuda com moradia (5,2%).

Por outro lado, destaca-se que aqueles que não gostariam de se deslocar para outros Estados (14,9% do total), as principais razões alegadas foram estar integrados em Roraima (37,2%) e preferir ficar próximo à fronteira (38,3%).

É possível que, desde que com a ajuda com empregos e custos pagos, uma quantidade significativa de migrantes venezuelanos em Roraima opte por se deslocar para outro Estado do Brasil. Nesse sentido, uma política pública de suporte ao emprego e ajuda na interiorização parece encontrar percentual considerável de sucesso, desde que devidamente planejada com entes federativos e o setor privado.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação na Venezuela vem se deteriorando em termos políticos, econômicos e sociais, especialmente após a eleição da oposição no final de 2015. Uma das faces dessas deteriorações é o fluxo contínuo de cidadãos venezuelanos para outros países, entre eles, o Brasil.

A migração venezuelana é jovem, em idade laboral e com grandes potenciais de desenvolvimento para o Estado de Roraima e para o Brasil, porém apresenta alguns desafios, especialmente em termos de acolhimento e da melhor integração em Roraima.

Como melhoria para a integração desses migrantes, há a necessidade de maior investimento em aulas de Português com professores capacitados e remunerados, tendo em vista o baixo percentual de indivíduos que dominam o idioma e o alto grau de interessados em aulas. Os cursos ministrados por voluntários estão com a lotação esgotadas e os professores não possuem conhecimento profissional de Português e são, em sua maioria, inexperientes com relação à docência. Há a necessidade de profissionalizar os serviços e cabe registrar o esforço feito pelos voluntários até o momento.

Nesse mesmo sentido, percebe-se que há uma maior necessidade em capacitar agentes públicos locais e fortalecer as atividades da sociedade civil já em andamento. Os serviços que necessitam de maior capacitação são os de saúde e educação, tendo em vista que são os mais procurados pelos imigrantes.

Por último, nota-se que o perfil migratório é jovem e em idade laboral e com graus elevados de desemprego. Por esses motivos, as principais políticas públicas devem ser em torno de capacitação e melhoria da oferta de empregos para os imigrantes, tendo em vista a possibilidade de se tornarem auto sustentáveis em um prazo relativamente curto. Dado o alto grau de escolaridade uma via complementar e que depende das Universidades Públicas é a facilitação de reconhecimento de diplomas estrangeiros e a consequente diminuição das taxas cobradas nesses processos.

O movimento migratório venezuelano para Roraima é recente e causado sobretudo pelas crises econômica e política do país vizinho. O fluxo é recente, sendo que a maioria dos chegados ao Brasil vieram no ano de 2017. Conforme podemos observar, a migração venezuelana não-indígena para Roraima é composta em sua maioria por jovens em idade de trabalhar, predominantemente masculina, solteira, com bom nível de escolaridade, oriunda de 24

províncias venezuelanas, embora com concentração em Bolívar, Monaguás e Caracas.

São pessoas que tinham trabalho na Venezuela, mas migraram, em primeiro lugar, em função da crise econômica, mas também dada a crise política. Uma pequena parcela fala o português, o que demandará políticas de ensino do idioma, de modo a proporcionar uma mais rápida integração à sociedade brasileira, apesar da falta do domínio muitos alegaram não estudar.

Como já era esperado, maioria expressiva é composta por solicitantes de refúgio, sendo que 96% já possui algum documento brasileiro. A via do refúgio é a alternativa para aqueles sem recursos para ingressar com o pedido de residência temporária.⁵

Um pouco mais da metade chegou ao Brasil desacompanhada, mas entre as mulheres, a maioria veio com filhos, o que chama atenção para possível exposição desse segmento a vulnerabilidades e necessidades de políticas de acompanhamento escolar, creches e outros caminhos com vistas a permitir que essas mulheres trabalhem no país.

A maioria não pretende retornar tão cedo à Venezuela e aqueles que tentam fazê-lo condicionam o retorno à melhoria das condições econômicas, o que sinaliza que esses migrantes permanecerão em solo brasileiro por um bom tempo.

Quando perguntados sobre o temor de retornar, sobressaem os aspectos associados à violência, especialmente a praticada por agentes do estado e criminosos comuns.

Atualmente, o fluxo migratório venezuelano é contínuo, sem precedentes e de grande volume, mas o processo como um todo ainda é administrável seja pela via da integração em Roraima, seja por políticas de interiorização com oferta de trabalho para aqueles que não foram absorvidos pelo mercado de trabalho local.

5 No momento de elaboração desse artigo, a RN 126 encontra-se gratuita graças a uma liminar conferida pela Justiça Federal.

REFERÊNCIAS

CÁTEDRA SÉRGIO VIEIRA DE MELLO/UFRR. *Perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil*. Conselho Nacional de Imigração. Brasília, DF: CNIg, 2017.

CAVALCANTI, Leonardo, OLIVEIRA, Tadeu, ARAÚJO, Dina. *A inserção dos migrantes no mercado de trabalho brasileiro*. Relatório Anual 2016. Observatório das Migrações Internacionais. Brasília, DF: Observatório das Migrações, 2016.

CERTEAU, Michel de. *Practice of Everyday Life*. Berkeley: University of California Press, 1984.

DEUTSCHE WELLE. *Venezuela: cronologia da instabilidade*. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/venezuela-cronologia-da-instabilidade/g-19308889>. Acesso em 29.08.2017.

HUMAN RIGHTS WATCH. *World Report 2017: Venezuela*. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2017/country-chapters/venezuela>. Acesso em 25.08.2017.

IMF. *Country Data: Venezuela*. Disponível em: <http://www.imf.org/en/Countries/VEN>. Acesso em 20.08.2017.

LANDER, Edgardo. *Venezuela: Crisis terminal del modelo pretolero rentista? Tiempo de Crisis*: Caracas, 2014.

MAYA, Margarita Lopéz. *Venezuela: The Political Crisis of Post-Chavismo*. Social Justice, vol. 40, no. 4 (134) p. 68-87. Washington: Social Justice Journal 2014.

MIAMI HERALD. *A new wave of Venezuelans on the verge of destitution flees to Miami*. Disponível em: <http://www.miamiherald.com/news/local/immigration/article81578152.htm> Acesso em 26.08.2017

PAEZ, Tomas. *La Voz de la Diáspora Venezolana*. Madrid: Los Libros de Catarata, 2015.

PRESIDENCIA DE LA REPÚBLICA. *Gaceta Oficial de La República Bolivariana de Venezuela. Decreto*. Caracas, Venezuela, 2016.

SIMÕES, Gustavo da Frota. *Venezuelanos em Roraima: migração no extremo norte do país. Mundorama – Revista de Divulgação Científica em Relações Internacionais*, Disponível em: <<https://www.mundorama.net/?p=23834>>. Acesso em 25.08.2017.

UNICEF. *Country Report: Venezuela*. Disponível em: <https://www.unicef.org/infobycountry/venezuela.html>. Acesso em 20.08.2017.

VAZ, Alcides. *A crise venezuelana como fator de instabilidade regional: Perspectivas sobre seu transbordamento nos espaços fronteiriços. Análise Estratégica*, no.2, 2017.⁶

GUSTAVO DA FROTA SIMÕES · Professor Adjunto da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília. Atualmente é o Coordenador da Cátedra Sérgio Vieira de Mello da UFRR.